



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, questão social e serviço social

O TRABALHO COMO MODELO DA PRÁXIS SOCIAL

Rogério Castro¹

Resumo: Exilado na URSS em 1931, o filósofo húngaro Georg Lukács passou a defender que K. Marx havia legado uma *concepção universal de mundo*. Diferenciando-se de Plekhanov e Mehring, o filósofo entendeu que, no corpo da obra de Marx e Engels, teria um conjunto de sólidas verdades a ser desenvolvido pelos continuadores da tradição inaugurada em 1845 pelos dois filósofos alemães. Além de uma concepção estética, Marx teria indicado ser o trabalho – a transformação da natureza – o momento decisivo da constituição do ser social. Visando a demonstrar (e desenvolver) essa tese, Lukács empreende um monumental esforço, já octogenário, do qual resulta um compêndio de hum mil e duzentas páginas que seria publicado postumamente: *Para uma ontologia do ser social*. Apresentar, portanto, os lineamentos gerais desta tese lukacsiana é o objetivo central desse trabalho.

Palavras-chaves: Trabalho. Marxismo. Ontologia. Lukács.

INTRODUÇÃO

Desde seu afastamento da atividade político-partidária após a repercussão negativa das "Teses de Blum" (1929), Lukács teria escolhido a trincheira intelectual para travar combates contra aquilo que julgava serem desvios em relação ao autêntico espírito da filosofia de Marx. Voltada para o mundo real, a atividade intelectual não lhe era, assim, estranha à militância, à atividade prática em si. A crítica à metodologia imanente ao stalinismo que superestimava a tática em detrimento da estratégia (ou mesmo a subordinação da ciência à propaganda), lançada após o degelo que sucedeu ao XX Congresso do PCUS em 1956, era apenas a manifestação aberta contra o que viria a chamar posteriormente de *vulgarização do marxismo*. A rejeição ao enrijecimento de análise, alheio ao genuíno marxismo, de extração stalineana não era o único alvo que ele tinha em mira, uma vez que via com igual reprovação os adeptos do revisionismo. Além de combater ambos os flancos, pode-se asseverar com segurança que a obra lukacsiana tinha como pretensão recuperar aquilo que seria o verdadeiro espírito de Marx e contribuir, por conseguinte, com o surgimento de uma *crítica renovada*.

Mas a grande descoberta que iria orientar toda sua produção posterior ocorreu entre os anos de 1930-31 durante uma curta temporada na ex-URSS. Junto com M. Lifschitz, Lukács iria defender, contra Plekhanov e Mehring, a unidade do pensamento marxiano. Com isso, o filósofo húngaro discordava da necessidade de se recorrer a outros autores para abranger problemas para os quais Marx não teria legado nada a respeito em específico (estética, ética, etc.). Refratário a essa ideia, Lukács, que havia terminado de passar por uma reviravolta em sua concepção marxiana depois de ter contato com o até então inédito *Manuscritos de 1844*, o que rompia assim com sua visão marxista de *História e consciência de classe* (obra do ano de 1923), irá desenvolver com Lifschitz, lastreado evidentemente em prospecções analíticas das obras de Marx e Engels, os primeiros esboços do que seria uma autêntica estética marxista; o

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual do Ceará, E-mail: rcastro.liceu@gmail.com.

autor magiar estava convencido de que o marxismo era uma *concepção universal do mundo*. É, portanto, desse contexto que irá emergir sua compreensão de que o marxismo nos legou *germes para o seu próprio desenvolvimento*. A sua *Estética* de 1963 e o seu plano inconcluso de redigir uma *Ética* (cuja introdução viria a ser a sua póstuma *Para uma ontologia do ser social*) seriam apenas desdobramentos dessa posição consolidada nos anos 1930.

Pondo em prática o desenvolvimento do marxismo, o Lukács maduro assegura que no *trabalho* está contido *in nuce* todas as determinações do ser social. Somente por meio do ato do *pôr teleológico* – cuja execução é condicionada pela *investigação* (e criação) *dos meios* – é que cadeias causais naturais podem vir a ser *postas* e a darem lugar, assim, a um *ente* até então inexistente. Em outras palavras, um *fim posto* emana da vida social e, antes da finalidade ser *realizada* na natureza (causalidade natural), há uma indispensável necessidade de se conhecer a legalidade das cadeias causais – *investigação dos meios*. Além da dialética entre *meio* e *fim*, tem-se já aqui, em germe, a divisão entre trabalho intelectual e material.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui desenvolvida buscou fazer um mergulho profundo na trajetória do filósofo Georg Lukács de modo a obter uma visão global – e aproximativa – do seu acidentado percurso intelectual. A busca de tentar apreender o caminho trilhado pelo pensador teve como objetivo principal a compreensão dos pontos de tensão – e, em certo sentido, das linhas de força – que iriam basilar as inflexões registradas em sua evolução. Além do estudo de comentadores e intérpretes, a leitura de modo imanente das obras do autor em diversas fases – inclusive com o cotejamento de traduções – foi o principal recurso utilizado na elaboração dos resultados dessa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Talvez o aspecto mais relevante da proposta lukacsiana seja trazer à luz aquilo que seria *permanente* na abordagem específica de Marx e, após 1931, o que estaria *in nuce* no corpo de sua obra por *desenvolver-se*. Por conseguinte, novas pesquisas e descobertas científicas, como as do físico Albert Einstein e muitas outras ao longo do século XX (DNA, etc.), não impugnariam a atualidade do marxismo, uma vez que o seu *método* de análise da realidade seria portador de momentos de permanência (*metabolismo do homem com a natureza*², etc.). As inovações tecnológicas, como *espaço virtual*, *inteligência artificial*, *nanotecnologia*, etc., ao contrário das pregações atuais da assim chamada ciência da sociedade, ou Sociologia, não condenariam o legado marxiano ao museu da história. Pelo contrário, tais mudanças, se observadas do ponto de vista da *totalidade do ser social*, seriam plenamente discerníveis e corretamente apreendidas – algo diferente das visões que conferem total autonomia a esses momentos parciais do ser social e que terminam por mistificar e tornar inapreensíveis tais transformações, como a atual filosofia francesa de Pierre Lévy e muitos outros nos dá fartos exemplos dessa anomalia metodológica.

² Como se vê n' *O Capital*, o trabalho como *eterna necessidade* natural de mediação dessa relação. E isso, na atualidade, independente do incremento de trabalho morto sobre o trabalho vivo. Trata-se aqui de um *recuo das barreiras naturais*.

No plano geral da filosofia, a figura de Lukács, no século XX, nos parece ser digna de importância. Exímio conhecedor da filosofia clássica alemã, o húngaro revela em seus escritos uma tendência a compreender as correntes filosóficas sempre em perspectiva histórica. É assim, por exemplo, que vai estabelecer interlocução com as principais vertentes filosóficas do século XX. Fincado firmemente no terreno marxista (ou naquela que seria a sua visão peculiar da filosofia de Marx), ele irá interpor objeção à M. Heidegger, polemizará com a filosofia francesa de então e o existencialismo de Sartre, do mesmo modo como é conhecido o seu esforço monumental em compreender as raízes do fenômeno do nazi-fascismo em seu livro *A destruição da razão*. Diga-se de passagem, nos anos 1930, rejeitando a dicotomia oficial que pregoava ser a questão central da filosofia da época a oposição entre idealismo e materialismo, Lukács defendia a ideia da existência de um antagonismo entre *racionalismo e irracionalismo*.

A análise panorâmica do itinerário intelectual do autor permitiu também à pesquisa dilucidar outra polêmica que envolve algumas das opções (ou apostas) do autor. Lukács teria resolvido adotar a palavra *ontologia* para expressar a filosofia de Marx. Numa entrevista concedida nos anos 1960, o filósofo teria replicado aos seus interlocutores quando indagado sobre o assunto. Ele teria explicado que, por conta de natureza e sociedade se encontrarem em relação recíproca – não serem, por conseguinte, antitéticas –, a opção por referenciar à filosofia de Marx por meio do termo *ontologia* seria justificada. Ou seja, pelo legado marxiano transcender o âmbito de teoria social, a adoção do termo “ontologia”, segundo ele, seria adequada. Pois a sustentação desse argumento na obra do filósofo alemão estaria consagrada no entendimento dele segundo o qual a única ciência existente seria a ciência da história.

Do “conjunto de sólidas verdades” contido no corpo da obra marxiana, e que deveria ser a base para o desenvolvimento do próprio marxismo, o *trabalho* enquanto *modelo da práxis social* seria uma delas. Na sua *Para uma ontologia do ser social*, Lukács desenvolve a tese de que no complexo dinâmico do trabalho está contido *in nuce* as determinações mais gerais do ser social. Segundo ele, problemas que em estágios mais elevados vão se apresentar de modo desmaterializado, sutil e abstrato, já comparecem, nos seus traços mais gerais, no ato do trabalho. Por conta disso, julga o filósofo húngaro, é correto considerar o trabalho como *modelo da práxis social*. Esse entendimento geral, por sua vez, não comparece na crítica infensa que é elaborada pelos defensores do fim da “sociedade do trabalho”. Defensores de uma nova leitura da lei do valor marxiana, os adeptos dessa corrente asseguram que o trabalho não possui um estatuto de uma centralidade “trans-histórica”. A diminuição do trabalho vivo – questionada por alguns estudiosos, vale dizer – ajudaria a confirmar esta tese. Mas o fato é que, à luz de Lukács, esses argumentos se revelam falsos. Isso porque a tese segundo a qual o trabalho é o modelo da práxis humana desborda o âmbito da produção de valores de uso. Como observado, por conter em si determinações que em estágios superiores do desenvolvimento da humanidade irão se apresentar de modo mais abstrato (valor, etc.), o trabalho se revelará, então, *modelo da práxis social*. E isso independeria da diminuição do número de trabalhadores manuais.

CONCLUSÃO

Pondo em prática o desenvolvimento do marxismo, Lukács assegura que no *trabalho* está contido *in nuce* todas as determinações do ser social. É por meio do *ato teleológico* – cuja execução é condicionada pela *investigação* (e criação) *dos meios* – que cadeias causais podem vir a ser postas e darem lugar, assim, a um ente até então inexistente. A vitória do comportamento consciente sobre o meramente instintivo do homem consubstanciada na *alternativa*, além de tirar a consciência de uma determinação puramente biológica uma vez que a *escolha* é o passo seguinte dessa situação, enuncia o fundamento de complexos sociais que somente em estágios superiores do ser social tomarão forma acabada (moral, ética, etc.). Em todos esses aspectos se faz revelar a tese do pensador húngaro segundo a qual o trabalho é o *modelo da práxis social*. A liberdade de escolha no trabalho primitivo de escolha da melhor pedra (valor) representa a origem genética dessas duas formas de existência especificamente sociais, além de uma vez mais confirmar o trabalho como célula originária da sociedade. Reitera-se: uma vez que categorias puramente sociais - explicitadas de modo mais complexo e intrincado em estágios superiores - já estão presentes no mais primitivo ato de trabalho, o seu nascimento é congênito com o processo de *pôr da causalidade*, portanto pode-se assegurar que o trabalho é portador de determinações essenciais do ser social, pois ele já encerra em si traços gerais de problemas que num patamar superior do desenvolvimento humano se apresentarão de forma mais sutil, desmaterializada e abstrata. De modo que essa sua constatação do trabalho ser o *modelo da práxis social* desborda o entendimento corrente que circunscreve a chamada *centralidade ontológica do trabalho* ao trabalho especificamente manual (ou a transformação da natureza) e a diminuição do número de trabalhadores braçais. Os críticos da assim chamada “sociedade do trabalho” (R. Kurz, A. Jappe, etc.) chegam a defini-lo como “um cadáver insepulto”, amparados na suposta diminuição do trabalho vivo no mundo contemporâneo e também numa nova leitura da lei do valor marxiana³. Para os seguidores dessa ideia, o trabalho então estaria perdendo o estatuto de centralidade trans-histórica. Como vimos, essas elucubrações não encontram assento na disposição lukacsiana segundo a qual o trabalho se constitui enquanto *modelo da práxis social*.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *Qual crise da sociedade do trabalho?* In: ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

_____. *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2ª ed. 10. reimpr. São Paulo: Boitempo, 2009.

CASTRO, R. *A reprodução social na Ontologia de Lukács: um escólio introdutório*. Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2011 (Dissertação de Mestrado).

³ Para mais informações ver: Castro, R. *O debate sobre o trabalho em Marx*. In: Revista Praia Vermelha. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2014.

_____. *O trabalho como modelo da práxis social: os aspectos 'in nuce' do legado marxiano segundo o entendimento do último Lukács*. Escola de Serviço Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018 (Tese de Doutorado).

_____. Os 40 anos sem Lukács e o debate contemporâneo nas ciências humanas. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 114. abril/junho 2013, p. 207-239.

_____. O debate sobre o trabalho em Marx. In: *Revista Praia Vermelha*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2014.

_____. A família monogâmica, o amor individual sexuado e a emancipação da mulher. *Revista Temporális*. Brasília, DF, ano 14, n. 27, p. 265-274, jan./jun. 2014.

DEL ROIO, M. (org.) *György Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo, 2013.

DUAYER, M. *Mercadoria e trabalho estranhado: Marx e a crítica do trabalho no capitalismo*. In: *Revista Margem Esquerda: ensaios marxistas*. Número 17. Boitempo Editora, 2011.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, R. (org.) *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo, Moderna, 1997.

LESSA, S.; TONET, I. *Proletariado e sujeito revolucionário*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LESSA, S. *Para compreender a Ontologia de Lukács*. 3ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

_____. *Mundo dos homens*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *Cadê os operários?* São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Ontología del ser social: El trabajo*. Compilado por Antonino Infranca; Miguel Vedda. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Herramienta, 2016.

_____. *Conversando com Lukács: entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz*. São Paulo: Ed. Instituto Lukács, 2014.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1. Tomos I e II. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

NETTO, J. P. *Lukács: o guerreiro sem repouso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Lukács: tempo e modo (Introdução)*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. v. 20. São Paulo: Ática, 1981.

_____. Lukács e o marxismo ocidental. In: ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. *Lukács: um Galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996.

_____. Transformações societárias e Serviço Social. In: *Serviço Social e Sociedade*, n. 50. São Paulo: Cortez, 1996.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

RADDATZ, F. J. *Georg Lukács em testemunhos pessoais y documentos gráficos*. Madrid: Alianza, 1975

SANTOS, B. de S. Cinco desafios à imaginação sociológica. In: _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Tudo o que é sólido se desfaz no ar: o marxismo também? In: _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHWARZ, R. Um livro audacioso (Apresentação). In: KURZ, R. *O colapso da modernização*. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SPECTOR, N. *Manual para a redação de teses, dissertações e projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

SZABÓ, T. *György Lukács, filósofo autônomo*. Napoli: La Città del Sole, 2005.

TERTULIAN, N. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. *Lukács e seus contemporâneos: coletânea de textos*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. Lukács e o stalinismo. *Verinotio - Revista On-line de Educação e Ciências Humanas*, a. 4, n. 7, nov. 2007.

TONET, I. e NASCIMENTO, A. *Descaminhos da esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2009.

VAISMAN, E.; VEDDA, M. (orgs.). *Lukács: estética e ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014.